

nossa identidade e descobrir a nossa tarefa no mundo; 4) Buscar a unidade interior; 5) Acolher os dons da vida e descobrir a nossa forma de fecundidade. Trata-se, no fundo, de um caminho de sabedoria da vida ou do saber viver como se deve viver. Com muito sentido prático e muito senso humano e cristão, a autora enfrenta inclusive e intencionalmente, nomeadamente nas três primeiras leis, o lado negativo da nossa experiência humana, como são as transgressões de cada uma daquelas leis, e orienta para o modo de as superar com êxito.

Um livro precioso, que muitos ganhariam em ler, e que bom seria estivesse nas mãos, na mente e no coração de psicólogos, orientadores espirituais, confessores, e em geral dos pastores e agentes do apostolado que se dedicam mais diretamente a ajudar almas destroçadas pelas mais diversas circunstâncias e fatores da vida.

RAUL AMADO

MORENO, DE BUENAFUENTE, Ángel, **Eucaristía : Plenitud de vida**, col. «Espiritualidad», Narcea S. A. de Ediciones, Madrid, 2011, 157 p., 210 x 135, ISBN 978-84-277-1811-1.

Ángel Moreno, de Buenafuente, é já conhecido dos leitores desta secção da revista *Theologica*, pois dele já outros livros seus foram aí apresentados. Lembramos que é um sacerdote secular, capelão do mosteiro cisterciense de Buenafuente de Sistol (Guadalajara) e pároco de pequenas aldeias dos arredores. No livro que agora se dá a conhecer procura inculcar nos leitores a necessidade de descobrir a Eucaristia como sacramento que traz a quem a vive como deve ser vivida a plenitude de vida.

Ao escrevê-lo, tem no seu horizonte a situação do tempo presente, pleno de crises, dificuldades económicas, afrontamentos ideológicos e políticos, descrédito religioso, desafeção eclesial, fraturas familiares, etc. etc. Pode parecer alienante, em vez de apontar caminhos de resposta de cariz prático, apresentar a Eucaristia como via para uma vida plena. Em seu favor, porém, aduz múltiplas passagens do AT e do NT em que a palavra de Deus insiste na necessidade de o homem se alimentar do pão que Deus nos dá, se quiser verdadeiramente saciar-se matando as suas múltiplas fomes. «O pão e a existência estão essencialmente unidos» (p. 9). E a Eucaristia é o pão da plenitude existencial. Ela «é como um diamante que brilha em suas diferentes facetas. Estamos porventura habituados a interpretar o sacramento como celebração litúrgica, cultural, comunitária e eclesial, ou como convite à oração íntima e pessoal, em adoração diante da sua reserva no sacrário. [Entretanto] se iluminamos a própria existência com os diferentes sentidos que encerra o sacramento, ficaremos surpreendidos ao descobrir na Eucaristia a revelação de dimensões essenciais que devem acompanhar quem deseja fazer da sua história um caminho de seguimento evangélico, viver à maneira da Jesus e ganhar a vida.» (pp. 9-10).

Este livro de Ángel Moreno, de Buenafuente, procura trazer à luz essas múltiplas dimensões essenciais que fazem da Eucaristia, verdadeiramente, um sacramento de vida em plenitude.

RAUL AMADO

TORRE, Javier de la, **Pensar y sentir la muerte. El arte del buen morir**, San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2012, 407 p., 190 x 120, ISBN 978-84-285-3930-2.

Escrito a pedido de muitas pessoas a quem a perspectiva da morte naturalmente assusta ou que carecem de ajudar outras pessoas a bem morrer, este livro foi escrito por um jesuíta e tem como linha de fundo orientadora a espiritualidade inaciana. O autor considera-o, com razão, um livro contracultural, por múltiplas razões: porque procura recuperar uma história esquecida (a do processo da morte em tantos seres humanos), porque convida a reconciliar-se com os símbolos da morte, porque é profundamente crítico em relação ao silêncio cultivado e (quase) imposto sobre a mesma morte na cultura contemporânea, porque pretende recuperar a velhice serena e reflexiva, porque, em face de morte de entes queridos ou de outras pessoas, convida a ser presença e escuta ao lado da angústia da morte e porque oferece um caminho para a morte (cf. «Prólogo impertinente», pp.9-12).

São sete capítulos, através dos quais – em termos e utilizando imagens literariamente muito sugestivos, cada conjunto dos quais aparece no respetivo título – Javier de la Torre procura, como diz, «escutar a voz dos gentios da nossa cultura ocidental (pátio dos gentios), acolher os símbolos da morte retirados da ágora pública (ágora), reconhecer as mudanças no nosso viver a morte transitando umbrais (umbrais), envolvermo-nos em tarefas para introduzirmos no pórtico de entrada da morte (pórtico de entrada), equiparmo-nos de critérios morais para avançar pela nave central da vida (nave central) subir os degraus do final acompanhando o acesso a outros ao altar mor da morte (altar mor) e propor um caminho espiritual de entrega até dar a vida (consagração) («Breve epílogo», p. 402). Procura deste modo «resgatar textos, restaurar símbolos, criticar a cultura, propor narrar a vida, animar a cultivar atitudes, sugerir virtudes para

acompanhar e animar a seguir u caminho concreto» (ibid.).

Possuidor que é de uma vasta cultura – é doutorado em Direito e licenciado em Filosofia e em Teologia Moral e titular da cátedra de Bioética na Pontifícia Universidade de Comillas de Madrid –, sobretudo no primeiro (longo) capítulo (pp. 15-164), serve-se muito do que eminentes figuras deixaram escrito sobre a morte: Homero, Sófocles, Platão, Epicuro, Lucrécio, Catulo, Cícero, Horácio, Séneca, Marco Aurélio, entre outros dos antigos; mas também o Génesis, os Salmos e o Cântico dos Cânticos, os profetas, Job, Daniel, os Macabeus, Jesus de Nazaré; Santo Inácio de Antioquia, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, S. Francisco de Assis, S. Tomás de Aquino, Tomás de Kempis, Santa Teresa de Ávila; Erasmo, Lutero, Calvino, Pascal, Shakespeare, Cervantes, Lope de Vega, Calderón de la Barca, Hegel, Marx, Kierkegaard, Schopenhauer, Hölderlin, Goethe, Dostoievski, Nietzsche, R. M. Rilke, Unamuno, António Machado, Tagore, Bloch, Heidegger, Sartre, J. L. Borges, Zubiri, Neruda, Ricoeur, etc.

Sem menosprezo para os demais contributos do livro, merecem destaque as notas com que o autor qualifica a cultura presente na relação (negativa, de escondimento) com a morte: cultura da satisfação e do espetáculo, cultura burocrática, institucional e indolor, cultura da eficácia e do pragmatismo, do medo à morte, da privatização e do ocultamento da mesma, cultura de repressão da morte e da imortalidade, desritualizadora e dessacralizadora, cientificista e irracional.

No seu todo, estamos perante um livro muito bem pensado e escrito, que muito pode ajudar, tanto a quem acompanha o seu semelhante no processo da morte como ao próprio leitor na preparação da que há-de ser a sua.

RAUL AMADO